



## Bodas de Sinhá: processo de f(r)icção sob a máscara ritual de Dona Senhorinha

Luciana Lyra

*A casa, o corredor... No longo caminho de finas e delicadas transparências, anuviada nubente. Alva, clara como a luz que alumia o caminho. Claros sons de tambores em maracatu anunciam o ritual. Olhos em luto choram a passagem na marcha compassada nupcial. É Sinhá, Dona Sinhá! Altiva, rainha de uma corte familiar. Dona, silenciosa está. Antigos odores de gaveta são também seus guias. Fátima é condutora. Nossa senhora branca, branca. Ao fim do cortejo, sob naftalina chuva, um recanto de memórias do que já foi. Mãe, avós em fotografias espalhadas. A mesa e sua branca toalha. Olhos esquivos, óculos de Santa Luzia. Num badalo... O TEMPO... Um desnudamento. Corpo rubro desleva-se. Aborto de lembranças, dos tantos filhos que encantou e se perderam em canaviais. No corpo nu em banquete, a audiência constrói a árvore de nomes passados. No chão de terra, sinhá vai gerar o novo. Vai niná-lo ao som de familiares vozes. Vozes meninas, vozes avós. Imagens meninas, imagens avós.*

Escrito no dia 03 de abril de 2008, o texto acima aponta, mesmo que brevemente, as camadas imagéticas pelas quais fui transpassada no processo de criação da figura de *Dona Senhorinha*, no espetáculo *Memó-*

*ria da Cana*, dirigido por Newton Moreno e realizado pela *Companhia Os Fofos Encenam*.

Acometida por imagens das matriarcas de minha família, das sinhás das casas-grandes e dos sobrados relatadas por Gilberto Freyre, assim como da Senhorinha da dramaturgia de Nelson Rodrigues, corporifico uma figura, que por trazer forte carga memorial, procura romper com a representação, aproximando-se de um alto grau de pessoalidade. Sob a égide do que chamo aqui de *máscara ritual* de *Sinhá*, descortino um trajeto pessoal, na restauração de minha própria história como parte de uma história familiar antepassada.

O processo de construção de *Dona Senhorinha* deu-se em três fases. Por orientação da direção, a fase primeira configurou-se a partir da criação de cena não-verbal, de onde se originou a figura que chamei de *noiva enlutada*. Vestida de noiva, estampando grandes óculos escuros, percorria dançando um corredor de paredes transparentes ao som de uma bricolagem da marcha nupcial com o som do maracatu de corte. A cena desembocava em nudez encharcada de sangue, articulando imagens de casamento familiares à decadência da idéia do matrimônio. A cena simbolizava um *luto meu* quanto à idéia do casamento.

Luciana Lyra é atriz da companhia *Os fofos encenam*.

Numa segunda fase, que teve como mola propulsora a oficina do professor Renato Ferracini, a *noiva enlutada* desdobrou-se no arquétipo da *mãe extremosa*. Partindo de uma fotografia pessoal, construí movimentos corporais com braços e mãos, que traziam ainda o maracatu, mas estavam num constante chamamento ao *colo*, um percorrer do espaço à procura do acolhimento. Uma canção de ninar constante embalava a movimentação da figura. Com a *mãe extremada* desenvolvi cenas verbalizadas, estabeleci contato com outros atuantes em jogos cênicos e pude ainda desdobrá-la em terceira figura: *Sinhá Dona Sinhá*. Proveniente de impulsos imagéticos da obra de Gilberto Freyre, *Sinhá Dona Sinhá* trazia à tona o poder velado da mãe, a voz dominadora e a extraordinária capacidade de ação matriarcal que se exercia na autoridade do gesto.

A terceira e última fase de construção desenvolveu-se, justamente, na intersecção entre a *Noiva Enlutada*, a *Mãe Extremosa*, *Sinhá Dona Sinhá* e, enfim, a Dona Senhorinha rodrigueana. Talvez esta tenha sido a mais complexa etapa, na medida em que cenas e imagens levantadas por intermédio da memória pessoal e impulsos de jogos cênicos iam ao encontro de uma personagem de estrutura dramática pré- estabelecida. Nesta fase, os arquétipos apontados durante o processo embasaram e deram a tônica do preenchimento da personagem dramática, gerando um estado híbrido entre pessoal e ficcional.

Ao visualizar esta trajetória, percebo que o processo de atuação em *Memória da Cana* está calcado na ritualização das idiossincrasias dos atuantes, em detrimento da interpretação de qualquer papel. Ao vivenciar *Dona Senhorinha*, não me entendo personagem mas, como aponta o diretor norte-americano Richard Schechner

(2002), “*não-não o personagem*”. Também não sou eu mesma, mas “*não-não eu mesma*”. Entendo-me como um corpo que se multiplica na subjetividade, tornando-se ponto de passagem de diferentes estados e energias, que o atravessam sem jamais cristalizar-se num único significado ou representação. Desta maneira, nos interstícios entre eu e a *persona*, meu corpo adentra em constantes fluxos de memórias, revelando uma *máscara ritual de mim mesma*.

A experiência em *Memória da Cana* provoca mais do que um simples espelhamento do real. Trata-se de um processo de espelhamento interativo e matricial, diz o antropólogo Victor Turner (1982). Se como “espelhos mágicos” dramas estéticos e rituais espelham a vida, a recíproca também é verdadeira: a vida pode espelhar formas estéticas. Pessoas que se revelam como *personas* performatizam suas vidas.

Partindo destas proposições, concluo que na atuação liminar sob a *máscara ritual* de *Senhorinha* gera-se um estado de *f(r)icção*, de atrito e desconstrução que é dialeticamente inverso ao da *ficção* (*fictio ou algo modelado, construído*) (DAWSEY, 2000), que se revela na experiência da *performance teatral*, onde imagens do passado se articulam ao presente.

Durante a temporada de *Memória da Cana*, *espetacularizo* as matriarcas de minha família. As fotografias de minha mãe-noiva são restauradas pelo meu corpo em ação cênica, os óculos de minha avó materna são emprestados à aparente fragilidade de D. Senhorinha, as memórias ganham o centro da cena, na re-afirmação da história pessoal em diálogo direto com a história cultural. Alimento-me da máscara de Senhorinha, oferecendo a esta mesma máscara, pelo caminho inverso, a possibilidade da restauração pela experiência performática.



## Referências bibliográficas

DAWSEY, John. *Victor Turner e a antropologia da experiência*. São Paulo. Cadernos de Campo, 13, p. 110-21, 2005.

SCHECHNER, Richard. *Performance studies – an introduction*. London e New York. Routledge, 2002.

TURNER, Victor. *From Ritual to Theatre*. New York. PAJ, 1982.

